

...

Sinto não contribuir para o
mundo dos doentes
Sou são como é sã a vida
a vida que dita bendita
o tardar da esperança aflita

A flauta já não toca
doce lábio do seu mel
em fel tudo finda

Sinto não contribuir com o
mundo dos doentes
a lepra dos sadios e
suas sádicas contas
o riso da íris com sua
tuberculosa catarata
a vida de quem morreu
flor
a morte de quem nasceu
verme
a condição ínfima do Humano
a sensação cósmica do pano

A rima não rompe com o
sentido:
provoca significados

A limpeza se evola no pano
coaduna com a vida que se
suja a cada ano

Já não contribuo:
sou o doente no
mundo onde vivemos
doentes permaneceremos
a não ser que se
faça o impossível:
deixarmos de ser “eu”
para em “nós” nos convertermos.

14 de março de 2003
Viera Tarde